



PREFÁCIO

Natal é quando Deus chega à estrebaria. Por isso o Natal é a minha festa, porque a estrebaria sou eu; o gado sou eu; a palha sou eu; o estrume sou eu. Mas eu recebo Deus. Eu sou capaz de Deus. Até a estrebaria é capaz de Deus. Porque Deus, o Deus que não cabe nos Céus, quer vir à minha estrebaria. Por isso o Natal é a minha festa. A minha festa durante todo o ano.

Claro que a festa mais importante do ano é a Páscoa. Na Páscoa, Deus oferece-Se por mim. Na Páscoa, Deus morre pelos meus pecados, e abre-me as portas dos Céus. Graças à Páscoa, eu sou capaz de Deus. Mas, no Natal, Deus mostra-Se capaz de mim. A distância entre Deus e mim é infinita. Graças à Páscoa eu posso transpor essa distância infinita; mas só porque, no Natal, Deus transpôs primeiro essa distância. Só Ele podia fazê-lo. Eu nunca seria capaz de Deus, se Deus não viesse até mim, no Natal. A Páscoa é o fim, mas o Natal é o princípio.

Claro que o fim verdadeiro é a Ascensão. Foi aí que Deus subiu aos Céus para me abrir a porta. Quando a minha humanidade, aquela humanidade que Deus assumiu, quando a humanidade da estrebaria chegou aos Céus e se sentou à direita de Deus-Pai, as

portas dos Céus abriram-se para mim. Mas foi quando Deus chegou à estrebaria que tudo começou. A partir do Natal, eu ainda não tinha o Céu, aquele Céu que a Páscoa e a Ascensão me deram. Aquilo que a partir do Natal eu já tinha comigo é Deus; o Emanuel, Deus conosco (cf. Is 7, 14). Ora a única coisa que faz o Céu ser Céu é a presença de Deus. Por isso, quando Deus chega à estrebaria, a minha estrebaria passa a ser o Céu. O Natal foi o princípio.

Claro que a verdadeira festa do princípio é a Anunciação, a Encarnação do Verbo. Na Anunciação Deus desce do Céu para ir para o local da Terra mais parecido com o Céu, o único local da Terra que podia ser comparado com o Céu, o seio da Virgem Maria. No seio da Virgem, Deus sente-Se quase como no Céu. A distância entre o Céu e o seio da Virgem é infinita, como também é infinita a distância entre o seio da Virgem e a minha estrebaria. Se Deus não tivesse descido ao seio da Virgem, não teria havido Redenção; se não tivesse descido na Encarnação, as portas do Céu não se teriam aberto para mim.

Mas enquanto Ele ficou no seio da Virgem, no local da Terra mais parecido com o Céu, não começou realmente a nossa Redenção. Porque a Redenção tem de se dar na estrebaria. A Redenção só começa realmente no Natal, quando Deus sai do Céu, daquele Céu que havia na Terra, e chega à estrebaria. Foi no Natal que tudo começou.

Claro que a verdadeira festa em que tudo começou é a Imaculada Conceição. Foi então que Deus criou um Céu na Terra, um local para onde podia vir, para onde podia chegar, vindo do Céu. Na Imaculada Conceição a Virgem ainda não tinha nascido; nem sequer ainda tinha seio, aquele lugar mais próximo do Céu aqui na Terra. Mas a partir de então tudo começou, porque aqui, na estrebaria, passou a haver algo imaculado. Por isso mesmo ali, naquele embrião, não era bem estrebaria. A Imaculada estava na estrebaria, mas não era da estrebaria: «Ele estava no mundo» (Jo 1, 10), mas «o seu reino não é deste mundo» (cf. Jo 18, 36). Por isso é que tudo só começou realmente quando Ele nasceu da Imaculada e chegou à estrebaria. Só no Natal é que a Igreja se tornou presente, cabeça e membros, mesmo quando os membros ainda só eram dois, Maria e José. Tão poucos que até tiveram de vir os anjos para trazer fiéis.

Claro que o verdadeiro início da Igreja é a Epifania. Aí, seja diante dos Magos que seguiam a estrela, seja no Batismo do Jordão ou no primeiro milagre de Caná, é que o Verbo de Deus Se manifestou ao mundo. Foi então que a estrebaria soube que Deus tinha chegado. Mas, mesmo antes mesmo de a estrebaria saber, Deus já lá estava. Desde o Natal. Antes de haver os Magos, antes de haver Batismo de João Batista, antes de haver discípulos para acreditarem no milagre do vinho, já havia o Natal. Mesmo quando os fiéis eram apenas quatro: Maria, José, o burro e a vaca, estes dois os habitantes próprios da estrebaria.

Isso vê-se ainda hoje na Igreja. Se os sábios se identificam com os Magos, se os profetas se identificam com o Batista, se os santos se identificam com os discípulos, eu, habitante próprio da estrebaria, identifico-me com o burro e a vaca. Por isso é que o Natal é a minha festa.

Claro que o verdadeiro início da Igreja é o Pentecostes. Foi então que o sopro de Deus passou pelas portas abertas do Céu e desceu sobre os Apóstolos como línguas de fogo. Foi aí que a estrebaria, ela mesmo, se pôde mover, e começar o caminho para o Céu. A distância entre o Céu e mim é infinita. Graças ao Pentecostes eu sou capaz de transpor essa distância infinita, porque no Pentecostes o Espírito de Deus transpôs primeiro essa distância. Mas desde o Natal que tivemos Deus na estrebaria, e por isso a estrebaria era o Céu. Porque aquilo que faz o Céu ser Céu é a presença de Deus, e Ele desde o Natal que estava na estrebaria. E lá continuou mesmo depois da Páscoa, porque «quando dois ou três estiverem juntos em meu nome, Eu estarei no meio deles» (Mt 18, 20); mesmo depois da Ascensão, porque «Eu estarei convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20). O Pentecostes é a chegada do Espírito, mas Ele já cá estava, desde que Deus chegou à estrebaria. Logo que Deus veio ter com o gado, com a palha, com o estrume, comigo. Por isso o Natal é o momento decisivo para quem vive na estrebaria.

«Donde me é dado que venha ter comigo?» (Lc 1, 43). Esta é a pergunta que a estrebaria faz no Natal. É a pergunta da festa da Visitação; é a pergunta decisiva. Mas é uma pergunta que apenas tem como resposta a certeza de que ninguém a sabe. Esta é a única pergunta do

Evangelho que ficou sem resposta. Sabemos a resposta a todas as perguntas do Evangelho, menos a esta. Sabemos a resposta às perguntas «Como acontecerá isso, se não conheço homem?» (Lc 1, 34), «Onde está o rei dos judeus, que acaba de nascer?» (Mt 2, 2), «Que procurais?» (Jo 1, 38), «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?» (Mt 16, 13), «Tu és o rei dos judeus?» (Jo 18, 33), «Porque procurais entre os mortos aquele que está vivo?» (Lc 24, 5), sabemos a resposta a todas as perguntas do Evangelho, mas não a esta: «Donde me é dado que venha ter comigo?» (Lc 1, 43).

A única resposta que lhe podemos dar é: «A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu salvador, porque pôs os olhos na humildade da sua serva» (Lc 1, 46-47), e assim teve misericórdia de todos os seus servos.

Por tudo isto, o Natal é a minha festa. Por tudo isto, o Natal é uma festa todo o ano. Porque todas as festas do ano estão, de alguma maneira, no Natal. O Natal é realmente todo o ano. Porque a única coisa que é comum a todo o ano é a estrebaria, a estrebaria onde Deus está sempre presente, por causa do Natal.

* * *

Alguns dos textos que se seguem, mostrando o Natal ao longo do ano, são inéditos, mas outros tiveram versões preliminares já publicadas, boa parte deles na coluna «Não há almoços grátis», publicada no *Diário de Notícias* de novembro de 1992 a dezembro de 2018. Por isso a minha gratidão à Lucerna, por mais uma vez aceitar publicar um livro meu, estende-se também ao *Diário de Notícias* e à generosidade com que aceitou e divulgou textos como estes durante tanto tempo. A ambas as equipas editoriais, a minha eterna gratidão.